



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Araranguá, Blumenau, Curitibanos, Florianópolis e Joinville, 17 de outubro de 2025

Ao professor Irineu Manoel de Souza

Prezado reitor,

Quatro anos atrás, dávamos início à aliança que resultou na gestão Universidade Presente. Reunimos forças progressistas, com tradições e práticas muito distintas, no entorno de um conjunto de compromissos cujo principal foco estava em tirar a UFSC do abandono em que se encontrava. Trabalhamos muito e em equipe para revitalizar a Administração Central e dar materialidade a princípios como a igualdade, a valorização da diversidade e da democracia, a defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade, o multicampismo e a gestão participativa e democrática. Valorizamos a ciência como bem público, aberto e acessível a todas as pessoas. Conquistamos realizações históricas - mas também nos afastamos consideravelmente do projeto de universidade que nos comprometemos coletivamente em defender e implementar, assim como de nossos apoiadores (apesar da insistência deles em se reunir conosco).

O momento é de realizar um balanço da gestão e, com base nele, projetar o que queremos para a continuidade da agenda de transformação da nossa universidade. O exercício do mandato explicitou as diferenças políticas e de concepção de universidade pública, ciência, desenvolvimento institucional e gestão entre Irineu e Joana e criou zonas de distanciamento internas à aliança. Queremos aqui apresentar nosso ponto de vista sobre o mandato e, principalmente, sobre o futuro da UFSC.

A Universidade Presente foi representada por duas lideranças com competências complementares - um administrador e uma educadora. No discurso da chapa, tal combinação ofereceria à UFSC uma gestão moderna e eficiente, capaz de alavancar realizações pedagógicas, de ensino, extensão, pesquisa e inovação, calcadas em programas de promoção da igualdade de gênero, de combate aos assédios, de permanência estudantil, de luta permanente contra o racismo e todo tipo de discriminação.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Os resultados, contudo, foram muito desiguais.

De fato, tivemos realizações notáveis na agenda da igualdade, como a política de enfrentamento ao racismo institucional, referência nacional nos debates e iniciativas no ensino superior. Conquistamos grandes avanços nas áreas de cultura, arte, pesquisa e inovação, consolidamos e profissionalizamos a internacionalização, alcançamos bons resultados em pós-graduação e começamos a dar alguns passos, mesmo atrasados, para enfrentar os grandes desafios do ensino de graduação, com ações como a Feira de Cursos e uma proposta preliminar de política de combate à evasão. Esses e muitos outros resultados enaltecem a todas as pessoas que estiveram à frente e ao lado de tais desafios.

No campo da gestão, contudo, os avanços foram menos expressivos, permanecendo gargalos inaceitáveis no atendimento a necessidades elementares de nossa comunidade, que passam por concepção, liderança, definição de prioridades, delegação de competência, cobranças de resultados, morosidade na tomada de decisão, falta de debate e inserção pública do reitor em espaços fundamentais para alicerçar investimentos em ciência e tecnologia. Tais gargalos comprometeram o sucesso e as principais entregas da nossa gestão em serviços, condições de trabalho, permanência, evasão, pessoal, planejamento institucional, infraestrutura e segurança.

Em relação à gestão participativa, princípio fundamental para uma universidade popular e realmente democrática, os limites foram ainda maiores:

- a) o compromisso de reunir um conselho político de apoiadores para escuta e debate das estratégias de gestão não foi cumprido depois de duas reuniões em que grande parte da equipe não se fez presente. Até os relatórios de prestação de contas para informar a comunidade universitária sobre os feitos e limites da gestão deixaram de ser produzidos;
- b) o comitê de orçamento foi extinto. Ao reunir-se semanalmente, sugeria e apresentava propostas para a melhor execução e controle do orçamento público, além de tornar transparentes as decisões sobre os recursos financeiros;
- c) a vice-reitora foi excluída da maioria das decisões. Em muitas situações ela apenas foi informada daquilo que tinha sido acordado entre o reitor e os setores interessados; e
- d) a composição do GR com pessoas alheias ao processo de campanha e de formação da chapa Universidade Presente quase chegou a comprometer os compromissos assumidos com a Comissão da Verdade.

O principal problema é a situação financeira e orçamentária a que chegamos, a pior da história recente não apenas pelas dimensões, mas pela forma como vem sendo abordada, desenvolvida e encarada. O exercício de 2025 terminará com um déficit entre 25 milhões e 33 milhões de reais, o equivalente a provavelmente dois meses de orçamento de custeio da universidade. Isso num cenário em que as receitas próprias tiveram crescimento expressivo,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

em que o financiamento externo de projetos bateu recordes e em que o governo federal recompôs parcialmente o orçamento (embora em escala ainda insuficiente). Nestes anos não houve suplementação, mas tampouco houve de nossa parte negociações com outros ministérios, luta sistemática pela ampliação de emendas parlamentares, e foram poucas e ineficientes as ações presenciais junto ao MEC, que pudessem contribuir para minimizar, ano após ano, as dificuldades orçamentárias. A agenda do reitor permaneceu tomada por demandas menores, o que mostra ausência de planejamento e de definição de estratégias. Esse cenário sugere a necessidade de um reposicionamento político-institucional para a UFSC, impossível sob sua liderança.

Professor Irineu: todos conhecemos sua longa e incomparável história como técnico, discente e docente. O senhor disputou e perdeu muitas eleições. No contexto da pandemia de Covid-19, por iniciativa de vários centros de ensino, foi possível costurar uma ampla frente progressista, para a qual vieram os setores comprometidos com uma universidade democrática, com políticas fundamentais de promoção da igualdade, que veem a política como experiência participativa, não partilham da tradição personalista e querem a ciência, a tecnologia e a inovação a serviço da sociedade brasileira. Essa aliança deu a vitória a Irineu e Joana, mas o senhor desde os primeiros dias repetiu o mantra que todos já ouvimos: "quem é nomeado é o reitor".

Essa postura revelou suas facetas com o tempo. A primeira delas, já no dia da posse: ao nomear a pessoa que se tornou o melhor ex-prefeito (ou o pior prefeito universitário) de todos os tempos, o senhor demonstrou o quanto privilegia seus compromissos pessoais, sejam políticos ou de amizade, à competência na gestão. Promoveu enorme desgaste para a Administração Central ao demorar dois anos e meio para realizar uma mudança demandada até por diretores de centro. Esse tipo de morosidade cobra preço alto ainda hoje, quando demonstra baixa capacidade de decisão em áreas de elevada complexidade.

Tal situação produziu uma balança cruel sempre que a lealdade a seus amigos implicou deslealdade com a professora Joana - mesmo quando atacada, ela NUNCA foi defendida pelo senhor, tal como uma liderança merece. As violências políticas da misoginia e do racismo contra a vice-reitora produziram consequências individuais, institucionais e sociais sobre ela e os grupos que ela representa. Como gestão, não conseguimos avançar na vivência de um ambiente efetivamente igualitário. As marcas da misoginia e do racismo, aliados no patriarcado, continuam vivas na linguagem e na desconfiança no trabalho das mulheres, das pessoas negras e sobretudo das mulheres negras. Como paridade de gênero é muito diferente de *igualdade* de gênero, perdemos a oportunidade de ver a professora Joana exercer com liberdade seu papel como protagonista em mais espaços da política em nome da Ufsc. Teria nos sido útil ter construído mais canais de interlocução em Brasília, no Executivo ou no Legislativo. Professora Joana tem credenciais que convenceram o presidente Lula a levá-la ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Sustentável. Mas tais credenciais não foram suficientes para que ela se encontrasse em uma divisão de trabalho mais justa na reitoria da UFSC.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Concentrar poder e centralizar decisões no gabinete do reitor contribuiu fundamentalmente para chegarmos à situação em que estamos. O senhor se definia, na campanha de 2022, como “um burocrata”, no sentido weberiano, que remete àquela pessoa que decide conforme a norma. Isso em si não seria um problema, caso a complexidade dos demais temas da gestão fosse delegada mediante confiança - mas isso não ocorreu em inúmeros tópicos centrais para a universidade. A aliança que assegurou a vitória foi aos poucos sendo tratada com distanciamento.

Todos sabemos de sua dedicação, de seu regime exaustivo de trabalho, e não temos dúvida de que o senhor deu o seu melhor neste mandato. Mas esse melhor não é o suficiente para o tamanho dos desafios que teremos pela frente. Onde a universidade está mais presente hoje é no fundo de um déficit orçamentário recorde, enorme obstáculo para a continuidade da UFSC e para a próxima gestão. Tal responsabilidade o senhor não pode compartilhar com ninguém desde que extinguiu o comitê de orçamento e centralizou em si todas as decisões sobre o tema.

Nosso orgulho dos feitos da gestão foi soterrado pela frustração: numa comunidade científica de ponta, não há dinheiro nem para alimentar os ratos do biotério. Não haverá para o salário dos terceirizados. Serviços deixarão de ser prestados até a quitação das contas. Luz e água já estão com pagamentos em atraso. A insegurança no campus materializa situações de violência.

Ao largo disso tudo, soubemos por uma entrevista a um jornalista no meio do ano que o senhor considera natural sua candidatura à reeleição e por isso jamais viu necessidade de promover uma discussão coletiva de avaliação e perspectiva. Sua atitude é coerente com o panorama de limites que apontamos, mas a reitoria é maior do que um projeto pessoal.

Nenhuma das situações relatadas nesta carta é surpresa para o grupo de gestão: nossas diferenças e insatisfações foram claramente apresentadas, mas jamais levadas a sério. Foram desconsideradas como coisa menor. Em respeito à comunidade universitária e ao projeto eleito em 2022, daremos continuidade ao trabalho que estamos desenvolvendo à frente de nossas pastas. Nossa compromisso é com a UFSC.

Descontente pelas mesmas razões que nós, uma parte dos nossos apoiadores e de nossas bases está em busca de outras lideranças. O trabalho duro que será necessário para tirar a universidade da situação orçamentária atual envolverá capacidades políticas, mais do que burocráticas; delegação e gestão de grupo, sem centralização personalista; confiança, dinamismo e competência técnica na equipe. Nova liderança é necessária ao revigoramento de nossas forças administrativas, para podermos retomar o equilíbrio no orçamento e construir uma nova agenda de eficiência, sustentabilidade, recuperação de infraestrutura e garantia de trabalho e de estudo de qualidade para toda a nossa comunidade.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Atenciosamente,

Joana Célia dos Passos

Eliane Debus

Jacques Mick

João Luiz Martins

Leslie Sedrez Chaves

Luana Heinen

Luiz Carlos Pinheiro-Machado Filho